

Artevida útil

Entrevista com Mônica Nador*

Entrevista: David Sperling

Arquiteto, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancerlense, 400 13566-590 São Carlos SP, (16) 3373-9301, sperling@sc.usp.br

Mônica Nador faz parte do grupo de artistas brasileiros cuja trajetória extrapola os espaços institucionais da arte, voltando sua ação para espaços localizados na periferia das grandes metrópoles. Em 2004, fundou com outros artistas e alguns moradores do Jardim Miriam, bairro periférico da cidade de São Paulo, o Jamac - Jardim Miriam Arte Clube. Em seu espaço tomam lugar convivência cotidiana entre moradores do bairro, experimentações artísticas coletivas coordenadas pela artista, e debates políticos e culturais com convidados das diversas áreas do conhecimento (geógrafos, filósofos, cientistas sociais, artistas, entre outros).

Em 2006, o Jamac figurou entre os selecionados para a 27ª Bienal Internacional de São Paulo, organizada sob o tema "Como viver junto?". Externo ao edifício da Bienal, um painel de grandes dimensões pintado por seus integrantes sinalizava o ponto de partida do ônibus que levavam o público para conhecer o Jamac, onde ocorriam workshops, mostras de filmes e debates.

Em novembro deste mesmo ano, Mônica esteve na USP em São Carlos, quando realizou a palestra "Arte Contemporânea e Periferia" para alunos do Curso de Graduação e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, como atividade aberta da disciplina optativa de graduação Seminários de Arquitetura Contemporânea: Arte, Arquitetura e Espaço Público, dos professores David Sperling e Fábio Lopes.

Na entrevista que segue, realizada por e-mail, a artista fala de sua trajetória, do trabalho do Jamac e a sua inserção na realidade social contemporânea, da prática artística crítica que desenvolve e sua posição

no sistema da arte, e das interfaces de sua prática com a arquitetura e o urbano.

DS O termo "arte crítica" revela uma relação entre arte e crítica que está na base de qualquer prática artística, seja em uma pura crítica da linguagem (como nas vanguardas), seja na forma de uma crítica expandida na qual as "condições de vida" estão em questão. Na base dessa distinção há a política de autonomia ou de heteronomia da arte. Como você vê a relação entre arte e política nos dias atuais?

MN Hoje, pós-modernidade, está restaurada a relação entre aquelas áreas do conhecimento separadas no iluminismo. Ou, pelo menos, penso que a nossa luta é esta. Assim, ética e estética combinam bem, não? Agora, é o tal negócio: somos muitos. O processo é lento. Uma coisa que acho que não funciona é a arte-denúncia dentro do cubo branco, então acho que arte política está em outro lugar, e não ali, dentro da obra. Ou a obra inclui a "crítica expandida na qual as 'condições de vida' estão em questão", ou já era, no sentido de que nada contribuirá para alterar essa ordem que incansavelmente tentamos mudar.

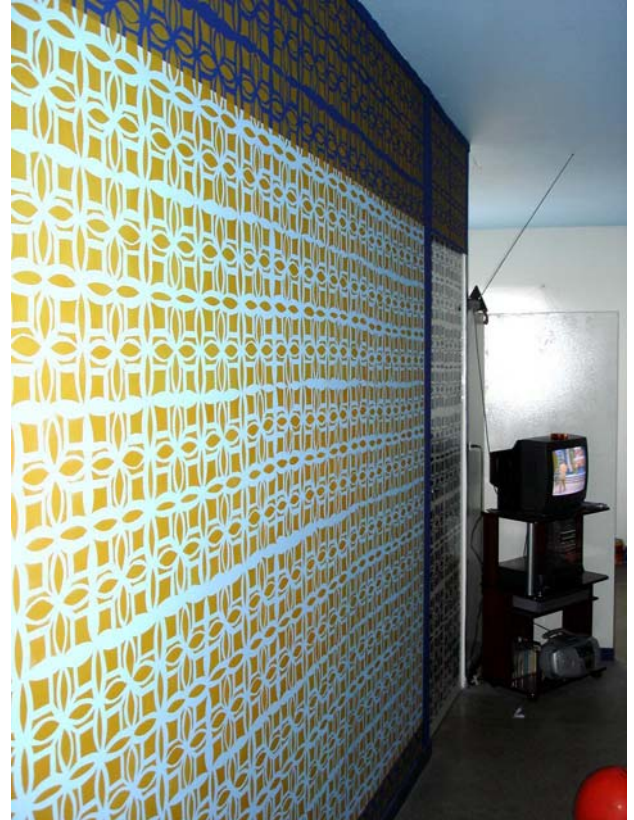
DS Entre a Geração 80 e o Jamac, o que mudou e o que permaneceu em seu trabalho?

MN O desejo de beleza permaneceu, e o que mudou? Tanta coisa! Mas, principalmente, naquele tempo eu acreditava na autonomia da arte.

DS Como se iniciou o Jamac?

MN Então, depois de algum tempo pintando casas e muros por aí, senti necessidade de ficar mais

*Formou-se em artes plásticas na FAAP e é mestre em Artes pela ECA-USP, onde realiza doutorado. Dentre suas exposições individuais recentes destacam-se: Espace Croix-Baragnon, Toulouse, France (2005); 34º Anual de Arte da FAAP - artista homenageada (2002). Dentre as exposições coletivas recentes destacam-se: JAMAC na Vermelha, Galeria Vermelha, São Paulo (2005), Rencontres Vidéo Art Plastique, Centre D'Art Contemporain de Basse Normandie, Hérouville Saint-Clair, França (2004), Bienal de Sydney, Austrália (2004), Onde está você, GE-RAÇÃO 80?, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro (2003), Panorama da Arte Brasileira 2001, Museu de Arte Moderna, São Paulo (2001), Virgin Territory, The National Museum of Women in the Arts, Washington, D.C., USA (2001), I Bienal das Artes do Cariri, Ceará (2001), Cutting Edge, ARCO'00, Madrid, Espanha (2001), inSITE, Tijuana/San Diego (2000). Recebeu a bolsa The Pollock-Krasner Foundation em 2002 e a Bolsa Vitae de Apoio à Cultura em 2000.



Figuras 1 e 2: Casa da Andrea. Fonte: arquivo pessoal Mônica Nador.

tempo em algum lugar, testar o fôlego do projeto. Não é fácil estar aqui, no momento não tenho financiamento para as pinturas das casas, por exemplo. Mas o Jamac se iniciou a partir dessa minha necessidade somada à vontade que alguns colegas estavam sentindo de trabalhar comigo, mais a oportunidade que o Centro Cultural Banco do Brasil ofereceu para cacifar um trabalho meu.

DS E hoje, qual é a rede de colaboradores e a estrutura física do Jamac?

MN O Jamac ainda é sustentado apenas pela minha bolsa de doutorado. O projeto cada vez mais conta com membros do bairro, inclusive temos agora a parceria de uma cooperativa de catadores de material reciclável, a Pedra sobre Pedra que, por exemplo, trouxe lindos espetáculos de capoeira para o público visitante da Bienal. Quem nos ajuda bastante é nosso advogado, o Fernando Furriela, dando uma bela assessoria inclusive na faixa. A Gale-

ria Vermelho está tentando nos dar visibilidade o que é importante para atrair recursos; estar na Bienal por exemplo, foi bom para isso. Em relação à estrutura física, continuamos no mesmo endereço desde a abertura, em 8 de maio de 2004. O terreno tem 240m², o galpão tem mais ou menos a metade dele, temos um jardim, edícula com escritório, cozinha, um banheiro e dois lavabos, mais um corredor de 20m x 4m.

DS Em sua prática artística no Jamac, onde se encaixa a autoria? Qual o lugar do espectador ou o público?

MN É, não sei exatamente, e também não estou muito preocupada, mas sei perfeitamente que a produção do Jamac ainda é muito colada a mim. O que é natural, são jovens e inexperientes os meus colegas, e ainda temos muito pouco tempo de experiência pra dar essa resposta de modo objetivo. Mas eu acho muito rica essa criação coletiva sobre o mesmo modo de organização plástica, e me refi-

ro a essa produção como nossa, e não minha, embora na galeria eles usem somente meu nome. Mas é bem interessante, quando perguntam para a Daniela, de 20 anos, se ensinamos a pintar paisagens e naturezas mortas a óleo, ela diz que não, que nós usamos outra técnica!

DS Ao longo desse tempo no Jamac você criou, podemos dizer assim, um modo de ensinar pintura que soma uma plástica apurada (como a sobreposição de manchas e malhas) a procedimentos bem simples de execução. Comente um pouco esta sua experiência de criação coletiva.

MN Pois é, dei uma facilitada braba, não é? Então, é o que estava dizendo, a produção é coletiva, o resultado (ainda) é bem colado à minha produção prévia e com o passar do tempo saberemos como isto vai reverberar na produção destes jovens, se é que serão artistas. Mas é difícil para o circuito lidar com isso. No artigo que o Ivo Mesquita escreveu para a Parachute ("Monica Nador: murs de la ville et parois du musée"; outubro, 2004) sobre meu trabalho, ele diz: "o que se vê são as pinturas de MN (no cubo branco) e não uma representação de uma comunidade excluída, desprovida, despossuída, onde a artista viu o pano de prato, o bordado, a fachada. A comunidade e os indivíduos a que se referem as pinturas, qualquer que seja ela, continuam lá na sua batalha por autonomia,

visibilidade. Um dia eles chegam ao museu, à bienal, e com certeza saberão usá-los com propriedade". Você vê, é como se uma relação inter-classes fosse impossível naquela estrutura, o que não é verdade se você se basear no depoimento das pessoas que participam das atividades comigo; e mesmo no que se vê, sem preconceito, é claro.

DS Como se insere o Jamac em um contexto de uso da arte para "mitigação social" ou mesmo em relação aos chamados programas de "arte-educação"?

MN Aprendi uma coisa aqui com o Mauro, (um ativista dos movimentos sociais do bairro desde o final dos anos 70): pelo menos, não são contra nós. Infelizmente, é a maior verdade: a carência é tanta que até igreja evangélica é bem vinda! Mas é claro, tento ensinar a pescar, e não dar o peixe.

DS Na chamada "arte crítica" contemporânea em grande medida a centralidade do elemento estético da obra cede espaço à centralidade do elemento crítico. Você, por outro lado, há algum tempo defende uma arte engajada na "beleza pura", uma transformação da realidade que se inicia por meio do belo, conformando assim uma "arte útil". Como estas questões têm se delineado para você ultimamente?

Figuras 3 e 4: Jamac. Fonte: arquivo pessoal Mônica Nador.



MN Pois é, eu estou trabalhando na periferia. Não acho que arte é só isso, mas acho mais importante do que ter idéias arrojadas é a gente fazer o que é possível agora, nas condições de agora, para encompridar a vida da espécie no planeta. A questão é que não adianta esse elemento crítico ser exibido para mim ou para você. O que importa é onde essa crítica vai acontecer, quem é que vai ter acesso a ela e se vai ser compreendida por esse público. Mais ainda: como essa crítica, ou essa ação artística, vai alterar a realidade. Continuando: a forma em si já não importa, mas sim a forma como a forma será veiculada. A forma em si, no meu caso, não tem que ser outra: ela mesma, “beleza pura”, pode transformar mais ou menos, e ser mais ou menos útil, dependendo da forma de veiculação.

DS Atualmente, o seu atelier é a rua e a sua residência é o Jamac. Dentre os artistas que buscaram intensamente a superação dos limites entre arte e vida, Hélio Oiticica certamente é uma referência. Que influência ele tem em sua artevida?

MN Então, o Hélio me influenciou bastante quando eu ainda estava na graduação, e conheci suas pinturinhas neoconcretas, aqueles bijuzinhos, e ele também chegou ao limite da pintura e partiu para a ação, por caminhos diferentes, também sentiu vontade de viver com outras pessoas (no tempo do Hélio o nível de violência urbana era bem outro, acho que era possível então olhar o povo do morro mais como iguais do que eu. Isso deve explicar um tanto as diferenças das nossas abordagens). Mas meu encontro mesmo com o Hélio foi um monocromaticozinho à la Malevitch lindo, lindo, acho que de 60.

DS Em muitas circunstâncias sua prática dialoga com a arquitetura. Algo que a princípio parece ser apenas suporte pictórico se revela na verdade como suporte para vida em comum. A vida se dilui na prática coletiva da obra e esta se insere na prática diária de uso do espaço. Seria interessante saber algo mais sobre a relação do seu trabalho com a arquitetura.

Figura 5: Jamac. Fonte: arquivo pessoal Mônica Nador.





Figura 6: Barraquinha da Dona Maria. Fonte: arquivo pessoal Mônica Nador.

MN Meu trabalho tem uma relação profunda com os anos de 74, 75 e 76, que passei estudando arquitetura em São José dos Campos, escola que tinha um projeto de ensino arrojado para aquele tempo; o Geisel fechou a escola. Mas a escola era assim: no primeiro semestre de aula nos botaram num favelão e a gente passou o semestre com aquele povo. Depois, vim para a Faap, e passei bastante tempo na rodovia Airton Senna, vendo o mar de “broco” ir cobrindo a topografia da paisagem, e fui ficando com vontade de pintar as casas daquelas pessoas que sentia próximas, de alguma maneira.

DS Seu Projeto Paredes Pinturas freqüentemente extravasa das pinturas em suportes do cotidiano para o contexto vivencial. Nesses casos a pintura converte-se em índice de um processo maior. Você pode comentar um desses casos?

MN Vou contar o caso de uma não pintura, aconteceu na Vila São Remo, que fica atrás da USP em SP. Fátima tinha 27 anos e 4 filhos, mais um a caminho. Tinha um marido evangélico, que já tinha encrencado com uma sereiazinha que tinham

usado para fazer um friso na parede de entrada de sua casa. Trocamos a sereia por um coqueiro. Dentro da casa, faríamos um desenho da própria Fátima, uma tímida flor, que ela levou um tempão pra botar pra fora, porque não se achava capaz. Quando viu o resultado do estêncil feito a partir de sua flor, ficou muito feliz e orgulhosa. Você acha que o marido concordou? Que nada. “a Fátima não entende nada disso, não. O melhor é a gente chamar um irmão da igreja, ele desenha uma ‘bíbria’ e a gente faz o friso”. Eu fiquei uma vara, mas o que eu podia fazer? Entendi que precisava trabalhar com assistente social, psicólogo. (Não, não fizemos o friso de “bíbria”).

DS Enquanto uma parte de sua prática como pintora ocorre dentro do espaço da vida privada, mobilizando as sensibilidades internas a um grupo, outra se insere na mediação dos espaços privados com os espaços públicos, como em muros ou construções irregulares. Pode-se dizer que uma potência do seu trabalho reside justamente aí, na evidência das tensões entre estes domínios?

MN Essa é uma interpretação sua, bem bonita por sinal, e arte é assim, mesmo: o espectador completa a obra, não é?

DS “Como viver junto”, tema da Bienal de São Paulo de 2006, aponta para um tema supradisciplinar: o encontro de espaços comuns que resguardem singularidades como condição básica para a convivência humana. Como você vê o projeto da Bienal? Que obras ou ações lá expostas você destacaria como experiências da arte em direção ao viver junto?

MN Olha, eu ainda não vi toda a Bienal, mas acho muito bom o grupo Eloísa Cartonera. Eles são uma editora, publicam livros de qualquer pessoa que queira publicar, e compram o papelão de catadores das ruas, pagando mais do que o preço normal. Gostei muito do trabalho da China, um trabalho interdisciplinar que está rolando lá, uma megaestrutura pra se fazer um levantamento dos artesãos de uma dada região que fazem aquele trabalho de recorte em papel de seda, uma catalogação dos caras, lindo, lindo!

DS Se um tema como o da Bienal requer a exposição de práticas experimentais, estreitamente vinculadas ao cotidiano, estas mesmas práticas alheias e críticas ao sistema da arte acabam por ser reinseridas nele. Tal englobamento, próprio do funcionamento do sistema da arte, completa então mais um círculo. Como você vê esta relação de tensão entre a prática artística e a sua veiculação?

MN Olha, eu acho que a gente tem que conviver com o inimigo, saber lidar com ele, aproveitar as brechas. Conviver com as diferenças, inclusive as políticas.

DS Para você, onde reside hoje a radicalidade da arte?

MN É, eu gosto mesmo é de trabalho que distribui renda. Se der pra misturar distribuição de renda e beleza pura, melhor.